

RESENHA SARAMAGO, José. *Claraboia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, 377 p.

Nivaldo Medeiros Diógenes¹

No ano de 2011, dá-se a publicação do último romance de José Saramago. A rigor, uma de suas primeiras obras em literatura, já que *Claraboia* ficou por muito tempo guardado na gaveta por ter sido recusado pelo mercado editorial. Desde então, após adentrar o campo literário, José Saramago negou a chegada dessa obra a público, escrita em 1940.

Ao longo de suas 377 páginas, já é possível perceber a inseminação das principais ideias e do estilo saramaguiano. No entanto, a obra tem algumas invariantes que são específicas, como, por exemplo, a numeração em algarismos romanos dos capítulos, no caso, trinta e cinco, a utilização de nominação para as personagens e o uso da pontuação para marcar as suas respectivas falas.

Em linhas gerais, o romance desenvolve-se em uma habitação popular, semelhante a um prédio que, em boa medida, reproduz uma miniaturização acerca da sociedade e das relações humanas em um labiríntico cenário citadino. Para tanto, é pela diferença de profissões, hábitos, costumes e ações privadas que se extrai o material literário.

O início do romance é marcado pela descrição da vida de Silvestre, um sapateiro pobre, e, por tal fragilidade econômica, faz-se necessário complementar a renda familiar. Para tanto, aluga uma parte de sua habitação – “era preciso era ver essa questão do hóspede (SARAMAGO, 2011, p. 12)”.

Cumprir lembrar que o ofício de sapateiro seria utilizado por Saramago mais tarde no romance *Levantado do chão*, com a personagem Domingos Mal-Tempo, e, tal qual aqui, em *Claraboia*, parece sugerir a metaforização da miserabilidade da vida de pessoas excluídas, pelo contínuo reaproveitamento de velhos sapatos. Dessa forma, a presente resenha aponta também para o romance em tela como uma espécie de obra antecipadora de muitas questões trabalhadas por Saramago ao longo da sua produção literária.

Retomando a narrativa, o leitor é conduzido a um compartilhamento de impressões quanto às distintas conduções de vida que as personagens deixam ver. Porém, todas estão interligadas por dois fatores: vidas controladas pelos vizinhos do prédio e a coletiva exposição a carências pela defasagem econômica.

¹ Professor das Faculdades Carlos Drummond de Andrade e Faculdades João XXIII, doutorando em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

Uma possível preocupação do autor parece ser o desvelamento da vida daqueles que estão à margem, mesmo porque praticamente todas as personagens são pobres e humildes.

Tia Amélia era, por assim dizer, a ecónoma da casa. Era ela quem cozinhava, fazia contas e dividia as rações pelos pratos. Cândida, a mãe de Isaura e Adriana, tratava dos arranjos domésticos, das roupas, dos pequenos bordados que ornamentavam profusamente os móveis e dos solitários com flores de papel que só eram substituídas por autênticas flores nos dias festivos. Cândida era a mais velha, e, tal como Amélia, viúva. Viúvas a que a velhice já tranquilizara. (*Ibidem*, 2011, p. 16)

Em meio à indiferença da sociedade e daqueles que são mais abastados economicamente, nem mesmo a religião parece propor uma alternativa melhor ou, pelo menos, apontar para uma intervenção. Vê-se assim o início de um processo de laicização, também presente nos romances *Caim*, *O evangelho segundo Jesus Cristo* e *O memorial do convento*. Aqui, em *Claraboia*, isso está posto, por exemplo, quando a personagem tia Amélia esclarece: “É como a palavra Deus para os que creem. É uma palavra sagrada” (p. 44).

Nesse sentido, cabe à figura humana, por si só, recuperar o caminho correto em direção à vida e, uma vez mais, para quem já conhece a literatura de José Saramago, coube às mulheres tal tarefa. Ou melhor, como é uma das obras iniciais do autor, a figura feminina começa a ganhar corpo e a ser significada como elemento simbólico para a lucidez. Adensa esse quadro, ainda, a nuance de uma idade avançada, seja da própria personagem ou de outra que a acompanhe – a rapariga dos óculos escuros e o velho da venda preta, em *Ensaio sobre a cegueira*, por exemplo. Em *Claraboia*, isso está sugerido no fragmento que se segue: “Duas mulheres velhas e duas que já voltavam costas à mocidade. O passado para recordar, o presente para viver, o futuro para recear” (p. 47).

Como consequência, a temática da formação humana surge como única alternativa para a humanidade: (...) Anselmo enveredaria por um longo solilóquio em que exporia, uma vez mais, as suas definitivas ideias sobre a condição do homem em geral e dos empregados de escritório em particular (p. 89).

Apontemos, de passagem, que o fragmento bem lembra o mote do romance *Todos os nomes*, cuja personagem José, empregado de escritório, renasce enquanto homem à medida que vai conhecendo a vida de uma mulher comum. A temática do conhecer o outro, portanto, é fundamental em *Claraboia*.

- Conhece os outros inquilinos todos, claro?!...
 - Conheço, conheço
 - É boa gente?
 - Uns melhores, outros piores. Como em toda a parte, no fim de contas...
- (p. 112)

Não obstante, faz-se necessário também vencer outra etapa para atingir a desejada formação humana – “Por agora, Abel não achava saída do labirinto” (p. 189). O labirinto, então, é um espaço a ser ultrapassado, para que o sujeito perceba-se distintamente, isto é, não apenas enxergar, mas ter consciência: “Se o faço com os olhos abertos, é pela força do hábito” (p. 193).

Indistintamente, a saída está em uma nova postura já que “Todos nós ingerimos diariamente a nossa dose de morfina que adormece o pensamento” (p. 254). E, com isso, a sociedade atinge o que se testemunha enquanto um processo de derrocada – “Mãe amorável és tu, oh, Sociedade!” (p. 256).

Em suma, o romance *Claraboia* deixa perceber a sugestão de um questionamento que se apresenta diante da forma com que se regula a vida, pelo esvaziamento da noção de comunidade, restando apenas uma regulação individualizante, negativada, entretanto, por Saramago, já que “Vivemos entre os homens, ajudemos os homens” (p. 371), ainda que com palavras, para que não se fique à deriva – uma claraboia –, em um mar de solidão.